

Mendes Ribeiro

Propósitos e desejos

Ter-nos-íamos aproximado mais da idéia do milagre, se Jonas tivesse engolido a baleia (Thomas Paine)

O desemprego custou ao país, em maio, dois bilhões de cruzados.

Porto Alegre conheceu índice nunca superado de aumento do custo de vida. Retirando a maquiagem, é seguro descobrir a carranca de quase 23% de majoração.

Nunca é demais frizar a corrida desenfreada acontecida anteriormente quando, prevenindo, o congelamento que não veio, o comércio remarcou o "preço", a níveis estratosféricos. Acabou fixando o abuso como se a medida heróica tivesse sido posta em prática.

E preciso, nessa hora, recitar o "mea culpa". Nós, da extinta classe média, os assalariados ou os profissionais autônomos de relativo sucesso, fomos os primeiros a gritar contra a falta de produtos supérfluos. Recordem e admitam, protestamos ante a dificuldade de achar, nas cercanias de onde moramos, tudo quanto nossa imaginação desejasse. Muito parecido o procedimento da indústria e do comércio. Com agravantes. Uma e outro retiveram mercadorias. O câmbio negro, franqueado, tornou-se rotina, desmoralizando qualquer tentativa de fiscalização.

Tão grande foi a inoperância das autoridades e a insistência do povo em comprar apesar do esbúlio que a Sunab, por ineficiente, fechou. Os "fiscais do Sarney", depois do golpe mortal do cruzado dois, têm ganas de fiscalizar o próprio presidente, não se conformando com a rotina dos preços remarcados.

Discutem, sem concluir, causas de uma possível hiperinflação quando ela está aí. Somente o cego por conveniência não vê a mentira das promessas acenando com percentuais de 10% até o fim do ano. Confesso, amargamente, não encontrar nenhuma diferença para melhor na atual fase deste governo quanto ao criticado período de Figueiredo. A vantagem real e palpável fica por conta da Assembléia Nacional Constituinte. A busca de uma lei com a legitimidade do voto é o repositório das derradeiras esperanças. No mais, os fatos se repetem com irritante monotonia. Escândalos. Impunidades. Caça aos pequenos. Arrocho salarial. Alargamento das mordomias. Majoração de tributos. Tarifas subindo incessantemente. E uma população ativa de pouco mais de trinta milhões sustentando cento e quarenta milhões, enquanto cento e trinta milhões são sangrados por dez milhões, na concentração de riquezas responsável pelo desequilíbrio que vai levar esta terra à convulsão social.

Será possível alguma autoridade ignorar a denúncia feita por um dos pró-homens da Receita Federal, grifando o fato do assalariado pagar 200% mais do que o empresário de imposto de renda? O dado, aliás, foi posto com lentes azuis. Os números são infinitamente maiores. Os especuladores não pagam nada. O governo, por decreto-lei, anistiou aos sonegadores. O abismo se abre na casa dos mil, dois mil, imaginem em quanto desejarem o percentual de desnível. Absurdo. Revoltante.

Não há uma só linha no discurso presidencial ou uma só palavra na manifestação do ministro Bresser casadas com a realidade. São desejos. Propósitos. Lances. De lances, propósitos e desejos estamos fartos. E, por desejos, propósitos e lances, o brasileiro foi enterrado na recessão que nos pensam imbecis para não ver.

Mendes Ribeiro é jornalista e deputado federal pelo PMDB-RS